



A FLIP - FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATY REVELOU UM FORTE INTERESSE DO PÚBLICO PELOS AUTORES NACIONAIS.



AS PRIMEIRAS ATRAÇÕES COM INGRESSOS ESGOTADOS FORAM JOÃO UBALDO RIBEIRO, ANTÔNIO CÂNDIDO E A MESA DO NEUROCIENTISTA MIGUEL NICOLELIS E DO FILÓSOFO LUIZ FELIPE PONDÉ.



O HOMENAGEADO, OSWALD DE ANDRADE (1890/1954), GANHOU CONFERÊNCIA DE ANTÔNIO CÂNDIDO, QUE APONTOU OSWALD COMO INTÉRPRETE-FUNDADOR DE UMA NOÇÃO DE BRASILIDADE.



O CINEASTA E ENSAÍSTA FRANCÊS CLAUDE LANZMANN FOI CHAMADO DE NAZISTA.



NOÇÃO DE BRASILIDADE A IX FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty abriu no último dia 6 de julho e revelou um forte interesse do público pelos autores nacionais. As primeiras atrações com ingressos esgotados foram João Ubaldo Ribeiro, Antônio Cândido e a mesa do neurocientista Miguel Nicolelis e do filósofo Luiz Felipe Pondé. O homenageado, Oswald de Andrade (1890/1954), ganhou conferência de Antônio Cândido, que apontou Oswald como intérprete-fundador de uma noção de brasilidade que valoriza a cultura nacional sem submissão nem ojeriza ao estrangeiro.

OSWALD DE ANDRADE Segundo Manuel da Costa Pinto, curador da Festa Literária, João Ubaldo é um dos raros autores vivos a dialogar com a antropofagia de Oswald. Outro intérprete de Oswald é o teatrólogo José Celso Martinez Corrêa, que encerrou o evento com o espetáculo Macumba Antropofágica. Em cena, Oswald e Tarsila bebem absinto, se despem e se contemplam como duas obras de arte. Também dançam e, como legítimos antropofágicos, se devoram. Zé Celso Martinez Corrêa disse que Oswald é o seu maior inspirador: “(...) após ‘O Rei da Vela’ eu passei a interpretar tudo a partir de sua visão antropofágica (...) eu o considero o nosso grande descolonizador”.

ANTÔNIO CÂNDIDO Aos 92 anos, Antônio Cândido pontuou sua conferência pelo bom humor. Definiu-se como um sobrevivente. Disse que sua vida intelectual estava completamente encerrada e que só estava ali pela amizade com Oswald. Sobre a atual crítica literária brasileira, disse que ela não corre nenhum risco porque só analisa autores consagrados. Sobre si mesmo, afirmou ser um homem do passado, que não usa computador. Sobre Oswald, ele preferiu falar da “personalidade literária” do escritor. Disse que o autor do “*Manifesto antropofágico*” soube usar o riso como grande arma do modernismo. Classificou como “patética” a briga entre Oswald e Mário de Andrade e contou que no fim da vida Oswald lhe disse que Mário foi o maior autor do modernismo e “*Macunaíma*”, o maior livro.

CRÍTICA LITERÁRIA Antônio Cândido, apesar de se considerar um “homem encachado no passado”, demonstrou estar atento à atual crítica literária no país. Segundo ele “(...) a atual crítica universitária acadêmica é uma atividade extremamente segura, não tem risco nenhum. Os rapazes fazem tese sobre Machado de Assis, Jorge Amado, José Lins do Rego, Clarice Lispector. Agora, a pessoa pegar o livro e dizer ‘esse é bom, esse é ruim’, isso acabou”.

MIGUEL NICOLELIS Em sua apresentação, o neurocientista Miguel Nicolelis - considerado pela revista “*Scientific American*” como um dos 20 maiores cientistas do mundo - disse que a ciência é, de certa forma, uma religião, e completou: “(...) se a palavra ‘milagre’ não tivesse sido adotada por outro ramo, deveria ser alocada a neurociência, porque fazemos coisinhas melhores”. Nicolelis falou ainda que é importante desmistificar a noção de cérebro e apontou os seus

limites. Ele apresentou imagens de exoesqueletos, máquinas ainda em teste que deverão ser acopladas ao corpo humano incapacitado para fazê-lo se mover baseado nos estímulos cerebrais. O neurocientista disse também que a imperfeição e o errar são inerentes à condição do homem e explicou: “(...) fenômenos humanos não podem ser reduzidos a um algoritmo. Cada um de nós tem um romance de vida que jamais vai ser computável”.

CLAUDE LANZMANN O evento também teve muitas polêmicas, críticas, aplausos, choros e até agressões verbais e pedidos de desculpas. O cineasta e ensaísta francês Claude Lanzmann foi chamado de nazista pelo curador da mostra, Manuel da Costa Pinto, que criticou a rispidez com que Lanzmann tratou o mediador da sua conferência. O fato é que Lanzmann veio ao Brasil para o lançamento de sua autobiografia, “*A lebre da Patagônia*”, em que narra sua participação na resistência francesa, seu relacionamento amoroso com Simone de Beauvoir e histórias de seus filmes sobre Israel. Acabou sendo levado para uma conferência na FLIP. Lá, ao ser interpelado pelo mediador Márcio Seligmann-Silva sobre uma polêmica com um historiador de arte, na qual o tema era mostrar ou não imagens de campos de concentração, Lanzmann não gostou. Em sua defesa, o escritor francês afirmou: “(...) eu não fui brutal, é o meu jeito vivo de ser”.

VALTER HUGO MÃE O queridinho da FLIP foi o português Valter Hugo Mãe, que emocionou a plateia ao ler um texto sobre o fascínio que o Brasil exerceu em sua formação. Arrancou lágrimas do público e eclipsou o carisma da sua colega de mesa, a escritora argentina Pola Oloixarac. Elogiado pelos conterrâneos José Saramago e Antônio Lobo Antunes, Hugo Mãe tem dois livros publicados no Brasil: “*A máquina de fazer espanhóis*” (Cosac Naify) e “*O remorso de Baltazar Serapião*”. A um passo de completar 40 anos, o português, nascido em Angola, ganhou o público. Contou histórias da hipocondria do pai, rejeitou a ideia da escrita como suplício, afirmou que escreve tudo em letra minúscula para criar uma ligação mais direta à oralidade e concluiu: “é uma espécie de humildade gráfica”.

CONTARDO CALLIGARIS Italiano radicado no Brasil, o psicanalista Contardo Calligaris substituiu o colega Antonio Tabucchi na FLIP. Tabucchi, um dos principais romancistas europeus da atualidade, se recusou a vir ao Brasil em represália à posição brasileira de não extraditar o italiano Cesare Battisti, acusado de 4 homicídios nos anos 70, quando atuava numa organização terrorista. Calligaris disse que se ele estivesse morando na Itália, provavelmente tomaria a mesma posição. Loyola Brandão, que dividiu a mesa com Calligaris, endossou a posição do colega. Tabucchi, em artigo publicado no jornal “*La República*”, afirmou que no Brasil “o Judiciário é submisso ao poder político”.